

Uma pastoral integral, igreja-cidade: em diálogo a eclesiologia de Jürgen Moltmann e a pastoral de José Comblin

An entire pastoral, church-city:
a dialogue between the Ecclesiology of Jürgen Moltmann and the Pastoral of José Comblin

Por Alonso Gonçalves

Bacharel em Teologia (FETSP)
Licenciado em Filosofia (FFCHSB)
pralgoncalves@yahoo.com.br

Resumo:

O artigo traz uma proposta de diálogo Moltmann-Comblin de forma a unir dois conceitos, a *eclesiologia* de Jürgen Moltmann e a *pastoral* de José Comblin. Como o principal texto do teólogo alemão, *Teologia da Esperança* sofre de fundamentações práticas, José Comblin pode contribuir para uma práxis pastoral integradora igreja-cidade. Partindo dos conceitos da *teologia pastoral*, o artigo quer trazer à tona uma pastoral que enxergue os desafios e dilemas da cidade além de oferecer subsídios para uma atuação pastoral integral.

Palavras-clave:

Pastoral urbana. Cidade. Igreja. Sociedade.

Abstract:

The article brings up a proposal for dialogue Moltmann-Comblin order to unite two concepts, the *ecclesiology* of Jürgen Moltmann and the *pastoral* of José Comblin taken to the cleaners. As the main text of the German theologian, *theology of hope*, suffers from practical reasoning, José Comblin taken to the cleaners can contribute to a pastoral church-inclusive city. Based on the concepts of *pastoral theology*, the article brings up a ministry that sees challenges and dilemmas of the city besides offering support for full pastoral activities.

Keywords:

Urban Pastoral. City. Church. Society.

Introdução

A igreja se faz num contexto social. Como ela não é uma ilha, fechada em si mesma, está em constante desafio ético-espiritual com seu contexto. Esse contexto se faz com mazelas: a pobreza evidente, a segregação de muitos do sistema econômico vigente, a violência como resultado de marginalização social e educacional.

A religião é dinâmica e crescente na cidade. Grupos religiosos apresentam seu itinerário para os desafios da cidade. Uns se aliam ao discurso do

sistema econômico; outros tomam medidas paliativas de assistencialismo; alguns não fazem nada mesmo para modificar a realidade, demonizando os problemas da cidade e isolando os fiéis do mundo. Isso é evidente na diversidade de tendências evangélicas no Brasil, o protestantismo histórico, os pentecostais e os neopentecostais. No protestantismo histórico, a postura frente aos desafios da sociedade é de completa omissão. Isso se deve ao fato de que o protestantismo dessacralizou o mundo, tornando-o utilitário, secular e passageiro. Espera-se pelo seu fim: a vida

não pertence a este mundo, “somos peregrinos aqui”. Não poderia ser diferente, pois aqui o protestantismo de missão se caracterizou por afastar-se completamente da ação política. O foco foi centralizado no indivíduo: convertendo o indivíduo, convertem-se as estruturas. A intenção era formar cristãos autônomos e críticos, daí a ênfase protestante na educação secular. Parece que isso não funcionou, e hoje há uma grande apatia por parte do protestantismo em relação à vida política do país. Mas isso está mudando, e a postura do protestantismo histórico tem sido de engajamento político-social. No universo do pentecostalismo clássico, a maneira de encarar o problema é ainda mais inconsciente. Com uma liturgia carregada de emoção, os pentecostais fazem um discurso de entrega e gostam muito de usar aquela frase de que o “mundo jaz no maligno”. Com isto fica patente a completa separação das circunstâncias sociais. Tem-se no culto o momento de catarse emocional; lugar de presenciar a “glória de Deus”, e diante da glória de Deus as desigualdades da vida são pequenas; a vida cristã é legitimada pela luta constante, pois é desta forma que o crente prova que esta com Deus. O corpo do indivíduo torna-se o meio para aliviar o sofrimento do dia-a-dia, daí a oração por cura e o “falar em línguas”. Com uma postura totalmente diferente do pentecostalismo clássico, os neopentecostais vêm se notabilizando pelo discurso de conquista e vitória financeira e física. Com o lema “o melhor desta terra é meu”, os neopentecostais fazem reuniões para empresários, fogueiras santas, campanhas financeiras. Com a teologia da prosperidade, os neopentecostais assimilam o capitalismo, tornando-o termômetro das “bênçãos de Deus”.

Somando a isso, temos o que J. Comblin chama de “nova cultura”, outro nome para os conceitos de *pós-modernidade* ou *nova modernidade*. Nesta *nova cultura*, os valores são transvalorizados, os costumes antes reivindicados são agora banalizados; a mudança campo-cidade, uma temática constante na pastoral urbana de J.

Comblin, traz consequências benéficas, mas muito mais maléficas para as pessoas. Os referenciais-campo são perdidos e novos referenciais-cidade são assimilados.

É neste intuito que procuro trazer uma reflexão sucinta, mas que quer ser provocante, na tentativa de pontuar pistas que levem para uma pastoral urbana integral, igreja-cidade. Entendendo que a igreja não pode permanecer indiferente aos problemas da cidade e procurando ainda tirar aquela velha e conhecida sensação de que a igreja só tem a oferecer para a cidade os seus recintos sagrados como refúgio.¹

O ensaio parte da eclesiologia do teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann e sua compreensão de igreja que ultrapassa as paredes e a inseri teologicamente no mundo. Tendo sua eclesiologia como fundamento epistemológico, buscamos ainda a práxis pastoral em José Comblin.

A teologia pastoral/prática e sua especificidade

A corrente questão que se vê na academia em relação à correta nomenclatura se *teologia pastoral* ou *teologia prática* ainda é um problema sintomático.² Há de se estabelecer uma distinção? São correlatas? Tomado como referência no tema, Casiano Floristán, teólogo espanhol, usa ambos os termos sinonimamente. Compreende que se trata de uma teologia da ação eclesial. Considera o autor a teologia pastoral em duas dimensões, para dentro – quando ocorre o processo de construção da comunidade como igreja – e para fora – quando a ação dos cristãos interfere na sociedade com uma práxis libertadora.³ Como referência no estudo da

¹ COMBLIN, José. **Os desafios da cidade no século XXI**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 8.

² HOCH, Carlos Lothar. O lugar da teologia prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 22.

³ KIVITZ, Ed René. A teologia prática: modernidade e urbanidade. In: SILVA, Geoval Jacinto da (Org.). **Itinerário para uma pastoral urbana: ação do povo de**

disciplina, Casiano Floristán tem dois textos importantíssimos na área: *Teología de la acción pastoral* (1968) e, o mais recente, *Teología Práctica: teoría y praxis de la acción pastoral* (1993). Floristán entende a teologia pastoral/prática como um conjunto de orientações dirigidas aos pastores, que tem como função crítica refletir sobre a prática das ações da igreja.⁴ Para J. B. Libânio, “a pastoral é a igreja em marcha, é a sua face prática, é o agir da igreja no mundo”.⁵ Para Júlio Zabatiero, “teologia prática é discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo”.⁶

No momento não é interessante a investigação dos conceitos propostos, teologia *pastoral* ou *prática*, ainda que haja uma discussão em torno da localização desses conceitos na categoria de disciplina teológica, apenas colocar a especificidade da disciplina que é tanto acadêmica quanto eclesial. Importa sim pontuar alguns fundamentos metodológicos que servirão de diretrizes para caminhar com Moltmann-Comblin.

Como a teologia tem sua necessidade prática, a teologia pastoral tem como meta fornecer subsídios práticos para uma ação efetiva da igreja. Para isso, abre-se um diálogo e uma correlação com as ciências humanas, na perspectiva de compreender o contexto em que a realidade do evangelho está sendo inserido.⁷

É procurando dar respostas prático-pastorais aos dilemas da cidade que passaremos a colocar a contribuição eclesiológica de J. Moltmann, por entender que a igreja, numa ótica protestante, ainda padece com questões que nada alteram seu

contexto social, além de não dar a seus congregados a dimensão holística da igreja.

A eclesiologia de J. Moltmann como paradigma para a práxis pastoral

O teólogo alemão Jürgen Moltmann aparece para o cenário teológico com sua mais importante obra até aqui, a *Theologie der Hoffnung* (1964). Neste texto, J. Moltmann expõe as incumbências que são postas pela sociedade pós-moderna à igreja.⁸

Com o surgimento da sociedade burguesa e as relações baseadas nas necessidades, o conceito de religião foi emancipado. Outrora, era dada à igreja certas tarefas/funções na sociedade e com o advento do modernismo isso foi suplantado. Vista como coração da sociedade, sustentadora e unificadora de interesses político-sociais no Império Romano, a igreja era tida como *culto público*, detentora da fé, da moral e da adoração a Deus. Com a chegada da modernidade, ela perde seu ideal moral e unificador e passa a ser um *culto privado*. A religião torna-se *religiosidade individual*. Dando ao indivíduo esta liberdade, a religião torna-se intimista e particularizada. Tem, a partir de agora, uma função⁹ consoladora diante da angústia existencial; é sua função dar às pessoas o sentido de existir.

As novas funções eclesiológicas são conseqüências de mudanças econômicas e político-filosóficas, ocorridas nos últimos anos. O século XIX e XX viu o crescimento do consumo e das relações pessoais baseadas nas necessidades. Com isso, o homem recorreu à subjetividade como compensação para as tumultuadas relações sociais.

As necessidades subjetivas dão novas formas a igreja: 1) a igreja-subjetividade: a cosmologia cedeu lugar à metafísica subjetiva. O salvamento depende da interiorização do transcendente. Há um

Deus na cidade. São Bernardo do Campo: EDITIO/UMESP, 2008. p. 39.

⁴ SILVA, Geoval Jacinto da. Floristán, Casiano: Teologia práctica: teoría y praxis de la acción pastoral. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, ano XVI, n. 22, jun. 2002, p. 194-195.

⁵ KIVITZ, 2008, p. 39.

⁶ ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 26.

⁷ HOCH, Carlos Lothar. Reflexões em torno do método da teologia prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 2005. p. 66.

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica, 2003. p. 361-398.

⁹ GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998. p. 285.

isolamento social de quem encontra esta *religião subjetiva* e a fé passa a não ter nenhuma consequência prática para o próximo. O que conta é o sentimento de eternidade garantida e os desejos, existenciais e de consumo, atendidos; 2) a igreja-solidariedade: ligada a pequenos grupos, a igreja funciona como uma arca de Noé. Ela aliena e acrisola as pessoas das situações sociais. A integração a uma igreja é compensatória porque concede privações sociais ao indivíduo que vive em uma sociedade secular. O grupo é fechado em si mesmo e não produz nenhum compromisso social, tornando ineficiente o amor cristão para com a sociedade; 3) a igreja-instituição: é o retorno do velho jeito Constantino de ser igreja. A este tipo de comunidade cabem as regras, os padrões de comportamentos. Afinal de contas, a igreja instituição confere segurança em tempos inseguros porque diz em que se crê e como crê. Permite ainda aquela sensação de certeza e de caminho certo, além, é claro, de produzir um sentimento de *agraciado* por estar ali e sentir, ao mesmo tempo, uma leve pena de quem não se encontra no lado de cá da fronteira.

São papéis que a sociedade, no entender de J. Moltmann, requisita para a igreja. Papéis esses derivados de necessidades ou eventos sociais, mas que não coaduna nem um pouco com o parecer teológico da igreja neotestamentária.

Se o cristianismo quer e deve ser outra coisa, segundo a vontade de Cristo, em quem crê e a quem espera, deve tentar nada menos do que irromper para fora desses papéis sociais assim fixados.¹⁰

O discurso de J. Moltmann é uma provocação e, ao mesmo tempo, um desafio para que a igreja sinta-se parte da sociedade e participe de sua vida. Os modelos que a sociedade quer da igreja não são mais concebíveis, ela é maior que isso, ela tem uma grandeza peculiar, porque a ela é dada tarefas superlativas. Em outro trecho, J. Moltmann passa a

sublinhar as funções/tarefas da igreja neste novo contexto.

A igreja e o futuro

J. Moltmann estabelece o seguinte cronograma: Deus no Antigo Testamento é um Deus de promessa, portanto a revelação de Deus se dá na história da promessa. No Novo Testamento a ressurreição de Jesus Cristo, que se inicia a promessa e a abertura para o futuro é *prolepse*, ou seja, antecipação do que será o futuro, mas o futuro não se esgota com a ressurreição, mas antes confirma, antecipadamente, a promessa da glória e do senhorio do futuro Reino de Deus. A missão da igreja esta totalmente atrelada ao conceito de Reino de Deus porque apenas por meio dela o futuro pode ser construído. A missão da igreja, portanto, está entre a promessa dada na ressurreição de Jesus e seu cumprimento no futuro escatológico. Por meio da missão da igreja, o mundo já é afetado na antecipação da nova criação e começa a ser transformado em direção da promessa de transformação escatológica.

A igreja e o Reino de Deus

A igreja é a expressão do Reino de Deus quando se torna anunciadora da esperança que foi confirmada pela ressurreição de Jesus Cristo. A igreja, portanto, é chamada para mediar à presença de Cristo que, por sua vez, media o futuro de Deus.¹¹ Cabe à igreja ser construtora da realidade futura, e não apenas intérpretes da história (como é visto nas concepções milenaristas, por exemplo). À igreja, é-lhe dada a tarefa de esforça-se para trazer o futuro para o presente. Sendo a igreja portadora do futuro, a promessa do Reino de Deus torna-se fundamento para a missão do amor pelo mundo.¹²

O Reino de Deus é o real fundamento da teologia da igreja, pois à igreja é dada uma

¹¹ ERICKSON, J. Millard. **Opções contemporâneas na escatologia**: um estudo do milênio. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 41.

¹² MOLTSMANN, 2003, p. 265.

¹⁰ MOLTSMANN, 2003, p. 382.

obrigatoriedade missionária, pois ela está ligada à sociedade e compartilha com ela os sofrimentos desta época, formulando esperança em Deus para as pessoas.¹³ A igreja, neste sentido, é “uma comunidade na qual o fiel vive continuamente e não ocasionalmente; uma comunidade de fé, esperança e fraternidade que se torna fermento de vida para todo o mundo”.¹⁴ Para ela ser isso, fermento de vida, ela deve assimilar conscientemente de que é a *antecipação*, o *sinal* do Reino de Deus. Jesus, com sua missão e ressurreição, trouxe o Reino de Deus para a história, a igreja é a sua antecipação; portanto, é o povo do Reino de Deus.¹⁵ O que isso significa? Ora, para J. Moltmann a *promessa* gera *missão*; a promessa do Reino de Deus é o fundamento da missão do amor pelo mundo; a missão é a esperança da fé em ação.¹⁶ O seguimento de Cristo implica no serviço ao mundo.¹⁷

Esta dada a dimensão futurológica da igreja na tarefa missionária quando cada cristão compreende sua função na missão. A esperança do futuro Reino de Deus é tarefa da igreja quando assume concretamente a sociedade em que está inserida dando um horizonte de esperança, justiça, vida, humanidade. Isso só é possível com a pregação do evangelho (promessas de Deus sobre a nova criação que vem da ressurreição de Cristo). A missão é a proclamação de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo Reino de Deus e seus valores vivenciados por Jesus conforme os evangelhos.

A missão da igreja

J. Moltmann acusa a igreja de estar marginalizada na sociedade. Ela não está inserida

no cenário político, social e, por incrível que pareça, também no religioso, mas desenvolve funções que não são, originariamente, dela. A igreja tem como natureza ser uma igreja de Cristo, missionária, ecumênica e política.¹⁸ Foi dado à igreja papéis que não correspondem com o Novo Testamento.¹⁹

À igreja cabem as funções outorgadas pelo Novo Testamento, ou seja, a colaboração no financiamento do Reino de Deus. A dimensão profética e política da igreja são tomadas em seu sentido mais radical: a igreja está encarregada de fazer entrar a sociedade em seu horizonte de esperança; uma esperança de humanização do ser humano e socialização da sociedade.²⁰ Não cabe mais a igreja ser considerada um supermercado, onde as pessoas vão fazer compras relacionadas à vida religiosa.²¹

Com esta postura, J. Moltmann causa certa revolução na eclesiologia protestante. Agora não é mais aquela igreja passiva e omissa aos acontecimentos sociais; não é mais tolerável a completa marginalização da igreja com a construção da história humana. Cabe à igreja ter uma consciência ética e responsável por seu contexto social; contar com o comprometimento de todos na *missão* ao mundo, tornando patente seu plano de amor pelo mundo; incentivar o uso das *vocações* para a transformação da sociedade por meio dos valores do Reino de Deus; procurar ser a *sinalização* da graça de Deus, pois ela é a consciência mais profunda do manifestar de Deus; tornar realidade, nela mesma, a presença amorosa de Deus por meio do cuidado fraterno; alimentar a fé de um mundo melhor por meio da esperança; celebrar a chave do futuro, a ressurreição de Cristo; ser uma igreja que consiga fazer uma leitura de seu contexto com o coração aberto.

¹³ MOLTSMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 13.

¹⁴ MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**: os teólogos protestantes e ortodoxos. v. 2. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 201.

¹⁵ MOLTSMANN, 2003, p. 386.

¹⁶ MOLTSMANN, 2003, p. 202.

¹⁷ GIBELLINI, 1998, p. 284.

¹⁸ MONDIN, 1980, p. 201.

¹⁹ MOLTSMANN, 2003, p. 361-398.

²⁰ HIGUET, Etienne A. Teologia da esperança: primeiro balanço crítico. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, ano X, n. 11, dez. 1995, p. 34-35.

²¹ MONDIN, 1980, p. 201.

Com esta assertiva, alguns ainda irão acusar J. Moltmann de falta de fundamentação histórico-prática. A *teologia da esperança* recebeu algumas críticas no campo da história e da hermenêutica, e, principalmente, na área da práxis. As observações feitas, principalmente na América Latina, foram que a J. Moltmann faltaram elementos práticos em seu esboço teológico.

Etienne Higué observa que falta à J. Moltmann um elemento que coloque em dinâmica a promessa-esperança e a realidade do mundo. Quando nosso autor coloca a história como algo dependente apenas da ação de Deus e à igreja a obediência, ele desvaloriza a práxis histórica dos cristãos. Se o futuro depende única e exclusivamente de Deus, os cristãos estão se arriscando a morrer na sala de espera do futuro.²² Para Higué, falta uma devida leitura da história da humanidade, considerando as estruturas em que se dá a construção histórica, pois cabe ao ser humano a liberdade de produzir história por seus atos. Por este fato, Rubem Alves vê na *teologia da esperança* uma linguagem metafísica e meta-histórica ainda, pois só pode haver concretude de esperança quando a igreja encontra bases históricas para atuar. Gustavo Gutiérrez reconhece o esforço de J. Moltmann por uma práxis, mas entende que ainda há dificuldades para o alemão encontrar uma linguagem que seja enraizada na experiência histórica concreta do homem.²³

Percebendo a falta de práxis em sua teologia, J. Moltmann abre um diálogo com a América Latina e se torna um assíduo leitor da produção teológica latino-americana, esperando encontrar a práxis para sua *Teologia da Esperança*.²⁴

J. Moltmann, em visita ao Brasil em 2008, falando no Rio de Janeiro e em São Paulo, coloca que a igreja precisa sofrer mudanças em sua concepção pastoral e missionária, porque missão não é a difusão da própria fé ou da autopropaganda

eclesial,²⁵ e é exatamente isso que se vê de forma bem nítida na realidade da igreja brasileira. Uma teologia de gueto, dissociada dos grandes problemas da sociedade.

Se por um acaso falta a J. Moltmann práxis pastoral nessas propostas, um diálogo com J. Comblin poderia ajudar para fundamentar estas realidades na igreja. Sua contribuição se dá nas formas, tarefas, conscientização e necessidades da cidade. O levantamento de problemas e a solução proposta pela comunidade dão a este binômio, igreja-cidade, maior integração, comprometimento, interação.

A sensibilidade pastoral de J. Comblin

Assim como J. Moltmann, J. Comblin possui uma bibliografia vasta. Sacerdote católico, veio ao Brasil numa época em que o comunismo era uma ameaça à igreja, e se tornou um. Foi expulso de vários países da América do Sul, J. Comblin reside no Estado da Paraíba, num pequeno vilarejo. Dotado com uma tremenda sensibilidade teológica, espiritual e social vem escrevendo em diversas áreas da teologia, a que destaco, com uma bibliografia reduzida, é sua teologia pastoral. Sua sensibilidade de pastor e conhecedor dos dilemas e desafios da cidade torna J. Comblin um consenso na área de práxis pastoral. Fazendo uma ponte com J. Moltmann e seus conceitos epistemológicos de Igreja e sua participação no futuro com sua missão, sociedade, Reino de Deus, J. Comblin pode ajudar a dar algumas pistas pastorais para a realidade da igreja, principalmente no contexto do protestantismo histórico, onde a dificuldade de uma agenda pastoral relevante se faz extremamente necessária.

Os desafios na cidade

Torna-se tarefa imprescindível tratar dos novos fatores que contribuiriam para a cidade ser o

²² HIGUET, 1995, p. 41.

²³ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 182.

²⁴ MOLTSMANN, 2004, p. 184.

²⁵ MOLTSMANN, Jürgen. **Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina**. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008. p. 35.

que ela é hoje. Não atentando muito para os conceitos que surgiram para explicar este fenômeno de mutação cultural, como modernidade, pós-modernidade ou nova cultura, para J. Comblin, o fato é que alguns comportamentos foram deixados e outros surgiram em seu lugar. É importante fazer esta nova leitura cultural para entender onde podemos ir e com quem estamos lidando. Como a teologia prática tem como metodologia o diálogo com as ciências humanas, seria de grande proveito sintetizar alguns comportamentos e suas implicações para a cidade.

Assumo o termo aqui para entender este novo contexto de *pós-modernidade*. Um fenômeno que se inicia com o Iluminismo tendo como matriz a valorização da razão, e por conta disso o avanço científico, a ruptura com a religião, a sensação da maturidade humana. Na cidade, a pós-modernidade é sentida em sua forma mais agressiva em diferentes vertentes: a necessidade de se provar o que está dizendo, pois a verdade não é monopólio de ninguém; a descrença nas instituições, uma vez que tentam aprisionar o espírito humano em suas regras e tradições; a busca por novidades sejam elas exóticas, físicas, espirituais. Uma vez que a pós-modernidade não conseguiu extirpar o sentimento religioso, a religião torna-se parte do mercado; o lucro como base das relações humanas; o individualismo e hedonismo narcisista que movimenta a moda, o mercado de cosméticos; a sensação de que as coisas não vão melhorar, e que o mundo está ficando pior cada dia mais, é uma falta de cosmovisão e perda de sentido para com a história; a ética sendo substituída pela estética, onde o que é certo para um não precisa ser, necessariamente, certo para o outro. Os valores outrora reivindicados são taxados como ultrapassados; a condição humana é explicada pelo acesso ao capital e seu sistema econômico; a globalização como mecanismo de unir as nações em seus diversos aspectos, marginalizando milhões de pessoas em benefício de grandes multinacionais.

Com tudo isso, na cidade convivem pessoas de diferentes posições sociais e econômicas. A esses

desafios, J. Comblin pontua algumas pistas para que a igreja seja, de fato, relevante. A ela isso é mais difícil, porque sua presença sempre esteve aí, antes mesmo de qualquer mutação comportamental da sociedade. Como tornar esta presença significativa quando os templos eram os grandes símbolos da cidade, da vida social em comunidade? Hoje os símbolos da cidade são os edifícios, os bancos, a propriedade privada, o lucro. J. Comblin chega a ironizar este nosso momento: “a praça da Sé de São Paulo tornou-se lugar perigoso e a Avenida Paulista tronou-se o símbolo da cidade”.²⁶

A migração campo-cidade, na realidade brasileira, carrega interessantes aspectos. Essa migração tem seus diversos momentos como o processo de industrialização brasileira na década de 1950; a industrialização do campo substituindo o homem por máquina. J. Comblin pontua as reais motivações para ir para a cidade: a cidade é espetáculo, lugar de realização dos sonhos; lá há muitas coisas para se vê, comprar, fazer; na cidade, diferente do campo, as pessoas são livres da tutela religiosa e política.²⁷ As cidades são irão para de crescer. Com este crescimento vêm também os desafios sociais, educacionais, estruturais e religiosos. A preocupação do cidadão urbano é crescer juntamente com a cidade: ele procura sobreviver (ganhar dinheiro); avançar (emprego, educação); lazer.²⁸ A cidade propõe uma ditadura também, quando alguém não se enquadra nela está fora do jogo. Os maiores lemas para quem vive na cidade são: compro, logo existo; comunico, logo sou onipresente; tenho informação, logo domino; avanço porque uso tecnologia.²⁹ Dentro deste universo há o aspecto religioso: o pluralismo reinante; a necessidade de falar uma linguagem de mercado, onde o que importa é “a utilidade, a

²⁶ COMBLIN, 2002, p. 6-7.

²⁷ COMBLIN, José. **Viver na cidade**: pistas para a pastoral urbana. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996. p. 9-11.

²⁸ SAVIANO, Brigitte. **Pastoral nas megacidades**: um desafio para a Igreja da América Latina. São Paulo: Loyola, 2008. p. 70.

²⁹ SAVIANO, 2008, p. 79.

capacidade de gerar satisfação”.³⁰ Como ter uma pastoral que trate desses desafios e, ao mesmo tempo, seja coerente, verdadeira e comprometida com o evangelho? Em três textos básicos de J. Comblin, procuro tematizar algumas pontes pastorais.

Propostas pastorais de J. Comblin

O tema do Reino de Deus não pode ficar de fora. Como o Reino de Deus vem trazer libertação, amor, perdão, domínio de Deus sobre os homens, igualitarismo, justiça, a igreja não pode deixar de ter na sua agenda pastoral os valores do Reino de Deus e sua ação na sociedade:

De acordo com o evangelho, o encontro com Deus realiza-se no encontro com o homem, de modo particular no encontro com o outro, com o pobre, com o marginalizado, com o rejeitado. Se é verdade que o cristianismo, como todas as religiões, inclui uma caminhada de reconhecimento de Deus pela interioridade ou pela experiência da natureza, no entanto o que é mais específico do evangelho é a experiência de Deus na aproximação com o outro. O que Jesus ensina é o encontro com Deus não pela mente ou por atitudes interiores, e sim pelo agir concreto, pelo amor que é serviço.³¹

Em seu opúsculo, *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*, J. Comblin apresenta as possibilidades de agir na cidade: 1) movimentos associativos: o ajuntamento da comunidade para resolver problemas comuns como infraestrutura, segurança, melhorias no bairro; 2) trabalho voluntário: quando a comunidade se envolve com os problemas do outro se doando por algumas horas; 3) o agir político: com um consenso de igualdade e fraternidade buscar pontos em comum para uma melhor qualidade de vida.³²

Viver na cidade e patentear a presença da igreja nela é um desafio. Entendendo seu contexto, apontando soluções pastorais, é uma possibilidade

de evangelização. O que é preciso entender é que a “igreja deve estar presente em todos os dramas humanos do homem [...] tornar-se ativa na vida política da cidade”.³³

Quando não se cruza os braços, a igreja encontra pela frente desafios assustadores, mas ela possui ferramentas também. J. Comblin deixa essas ferramentas bem claras em outro texto sobre pastoral urbana:³⁴ os bairros são oportunidades de ação, sendo a comunidade solidária, tendo uma maior participação nos problemas do bairro como tráfico de drogas, delinquência infantil; criar entidades e agir em entidades sociais como escolas, presídios, hospitais; agir nas empresas e sindicatos buscando o melhor para os trabalhadores; ter uma postura mais firme e comprometida com os cidadãos na política, procurando levar propostas ao Poder Público do que pode ser melhorado na cidade/bairro. Ainda dentro deste aspecto da pastoral urbana, J. Comblin salienta:

Não seria mais conveniente convocar o prefeito e entregar-lhe as aspirações da igreja para a cidade? Prometendo colaboração em tudo o que for justo e vigilância nos casos menos claros? Não convém que numa circunstância como essa a igreja apareça como bajuladora.³⁵

Impossível uma evangelização onde se intimiza problemas e se demoniza a sociedade, mas evangelização se “faz por expansão e irradiação de comunidades cristãs verdadeiras”.³⁶

A eclesiologia de J. Moltmann e a pastoral de J. Comblin: convergências

A teologia de J. Moltmann não sofre tanto assim de práxis, do contrário ela não teria exercido a influência que exerceu na *Teologia da Libertação*. Apontar convergências entre a eclesiologia de J. Moltmann e a pastoral de J. Comblin torna este

³³ COMBLIN, 2002, p. 9.

³⁴ COMBLIN, José. **Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 37-45.

³⁵ COMBLIN, 1999, p. 54.

³⁶ COMBLIN, 2002, p. 28.

³⁰ COMBLIN, 2002, p. 44.

³¹ COMBLIN, 1996, p. 15.

³² COMBLIN, 1996, p. 21-26.

texto um diálogo não apenas de conceitos, mas também ecumênico. No imaginário do protestantismo histórico, a igreja é interiorizada e muito pouco exteriorizada. É neste sentido que a eclesiologia de J. Moltmann contribui. Abre-se uma nova perspectiva para a igreja em suas bases teológicas: ela é antecipadora e sinalizadora do Reino de Deus; não é mera expectadora do futuro, com sua missão ela constrói o futuro.

Quando da implantação do protestantismo de missão, algumas referências vieram com os missionários que deram forma ao protestantismo no país. São eles: o fundamentalismo bíblico (inerrância e literalismo do texto sagrado); teologia milenarista (uma profunda preocupação com o milênio quando iria ocorrer, daí as principais correntes escatológicas entre pré, pós ou amilenismo); um ascetismo puritano que menospreza o corpo e suas necessidades; a individualização da salvação (tornado os congregados responsáveis por si mesmos).³⁷ Além desses fatores, soma-se a isso a expectativa pelo “céu”, onde a maior preocupação é com a salvação, e este mundo sendo apenas um intervalo para a concretização.

Com a possibilidade se assimilar a eclesiologia de J. Moltmann, a pastoral de J. Comblin terá espaço na realidade da igreja. Uma nova postura evangelizadora precisa levar em conta os desafios da cidade que em vez de proselitismo, o Reino de Deus. Como sua missão é ser fermento do Reino de Deus, cabe a ela os sinais históricos e concretos do Reino na sociedade. O itinerário já está posto por J. Comblin.

Conclusão

Com este pequeno texto, procurei aqui delinear algumas posturas teológicas e novas propostas pastorais. Não dá mais para desconsiderarmos a mensagem política e espiritual do Reino de Deus; torna-se inadmissível uma conversão que nega o passado e o presente da pessoa; não há mais espaço para uma teologia fatalista de que o mundo vai piorar mesmo, e as coisas que acontecem é nada mais que os “sinais dos tempos”; é incompreensível uma fé que não se engaja com as questões que o país passa.

Como pastor de uma pequena cidade e comunidade, procuro levar adiante essas pistas pastorais apontadas aqui. Levo a igreja a participar e a sentir os dilemas do município e não somente apontar as mazelas.

[Recebido em maio de 2009
e aceito para publicação em agosto de 2009]

³⁷ CUNHA, Magali do Nascimento. Um olhar sobre a presença pública das igrejas evangélicas no Brasil: análise crítica e possibilidades futuras. In: CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento; LOPES, Nicanor. **Pastoral urbana: presença pública da igreja em áreas urbanas.** São Bernardo do Campo: EDITEO/UMESP, 2006. p. 100.